



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0255/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 19/09/20

Analistas saúdam pacto de defesa saudita-paquistanês como passo em direcção à estabilidade regional



O Primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, junto com o Príncipe herdeiro saudita Mohammad bin Salman, durante a sua chegada a Riade.

O Reino da Arábia Saudita e o Paquistão assinaram um Acordo Estratégico de Defesa Mútua na passada quarta-feira, prometendo que a agressão contra um país seria tratada como um ataque a ambos, no que especialistas descreveram como um movimento histórico que reflecte a mudança de alinhamentos globais e décadas de estreita cooperação entre os dois aliados.

O acordo foi concluído em Riade durante a reunião do Primeiro-ministro Shehbaz Sharif com o Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman. Compartilhando uma cópia da declaração conjunta no X na manhã de ontem quinta-feira, o ministro da Defesa saudita, Khalid bin Salman, descreveu as duas nações como "uma frente contra qualquer agressor ... sempre e para sempre." Enquanto isso, analistas paquistaneses disseram que o acordo ressaltou a intenção de ambos os países de formalizarem laços de segurança de longa data, ao mesmo tempo em que reflecte mudanças mais amplas na ordem regional e global. "O pacto de defesa entre o Paquistão e o Reino da Arábia Saudita ... terá um impacto de longo prazo na matriz de poder do sul da Ásia e do Médio Oriente",

disse Huma Baqai, acadêmica e especialista em relações exteriores, ao Arab News.

"Este desenvolvimento é definitivamente indicativo de uma mudança na ordem global e novas alianças em formação. Também pode resultar em um efeito dominó de mais estados árabes e do Golfo buscando tais alianças com o Paquistão. Ela disse que a decisão do Reino da Arábia Saudita foi um reconhecimento das capacidades militares do Paquistão, demonstradas durante o conflito de maio de 2025 com a Índia.

Os dois vizinhos do sul da Ásia travaram uma guerra de quatro dias no início deste ano, após um ataque na Caxemira administrada pela Índia que Nova Déli atribuiu a Islamabad. O Paquistão negou envolvimento, mas as hostilidades - as mais mortais desde 2019 - deixaram mais de 70 mortos antes que um cessar-fogo mediado pelos EUA entrasse em vigor.

Segundo Islamabad, abateu pelo menos seis aeronaves indianas durante os combates e forçou Nova Déli a concordar com um cessar-fogo. O analista de segurança Syed Muhammad Ali descreveu o acordo como "reconhecimento internacional de que o Paquistão não é apenas uma potência do sul da Ásia, mas uma potência que pode contribuir para preservar a paz e a segurança no Médio Oriente também".

Ele disse que "a confiança saudita nas forças armadas do Paquistão é uma evidência de que a comunidade internacional vê o Paquistão como uma potência capaz e responsável depois que Islamabad deu uma resposta adequada a Nova Déli no conflito de maio de 2025".

O analista de defesa Muhammad Samrez Salik, major-general aposentado, disse que o acordo se basearia em mais de oito décadas de estreitos laços de segurança entre os dois países: "O último pacto de defesa será um bom presságio para a defesa e segurança de ambas as nações e para a estabilidade regional. O Reino da Arábia Saudita reconheceu isso e decidiu se beneficiar das capacidades militares do Paquistão. Espero e espero que o Reino da Arábia Saudita também ajude o Paquistão a alcançar a estabilidade econômica.

Baqai acrescentou que o pacto também pode ser visto "como um desenvolvimento positivo que definitivamente teria um efeito cascata na economia paquistanesa".

Chaudhry Shahbaz Hussain, ex-ministro federal paquistanês, disse que o pacto "simboliza a confiança, a fraternidade e o vínculo inabalável que sempre existiu entre nossas duas nações - enraizado na fé, respeito mútuo e destino comum". Ele acrescentou que este marco notável incorpora a visão compartilhada do Príncipe herdeiro "para uma Ummah muçulmana segura, próspera e unida".

Ontem quinta-feira, Sharif escreveu no X que as conversas com o Príncipe herdeiro saudita cobriram uma ampla gama de questões, incluindo desafios regionais e medidas para melhorar a cooperação bilateral. "Na frente bilateral, valorizo muito o apoio consistente de Sua Alteza Real e seu grande interesse em expandir os investimentos sauditas e os laços comerciais entre nossos dois países", postou, "É minha oração fervorosa que a amizade entre o Paquistão e o Reino da Arábia Saudita continue a florescer e atingir novos patamares de glória." **Fonte-Arab News.**

Mimistro de Assuntos Islâmicos inaugura projectos de desenvolvimento para mesquitas em Medina



Vários projectos de desenvolvimento para mesquitas e grandes mesquitas em Medina foram inaugurados pelo Ministro Saudita de Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação, Dr. Abdullatif bin Abdulaziz Al-Sheikh.

Vários projectos de desenvolvimento para mesquitas e grandes mesquitas em Medina foram inaugurados na passada quarta-feira pelo ministro saudita de Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação, Dr. Abdullatif bin Abdulaziz Al-Sheikh, com um valor total superior a SR395 milhões (US \$ 105,3 milhões).

A Agência de Imprensa Saudita informou que isso fazia parte da visita de inspecção de Al-Sheikh à filial do ministério em Medina, para avaliar suas necessidades e revisar os projectos do ministério na região.

Os projectos inaugurados por Al-Sheikh incluíram a operação e manutenção de mesquitas e grandes mesquitas a um custo de mais de SR95 milhões, cobrindo cerca de 90% das mesquitas da região, juntamente com a inauguração da construção de 87 novas mesquitas e grandes mesquitas a um custo superior a SR282 milhões.

O ministro também inaugurou o Projecto de Desenvolvimento de Mesquitas, que inclui a construção de novas mesquitas de acordo com modelos inteligentes e sustentáveis e a reabilitação de mesquitas existentes, actualizando os projectos, além de adicionar novos requisitos modernos, preparar áreas externas, realizar paisagismo e implementar regulamentos inteligentes.

Al-Sheikh afirmou que esses projectos são o resultado do apoio e dedicação da liderança à construção e manutenção de mesquitas e melhoria dos serviços para atender às necessidades dos fiéis e reforçar a nobre missão de servir o Islão e os muçulmanos.

Al-Sheikh revisou o progresso do trabalho, os planos e programas de desenvolvimento das filiais do ministério na região, garantindo a eficiência e melhorasse a qualidade dos serviços prestados aos cidadãos, residentes e visitantes de Medina. **Fonte-Arab News.**

Vice Ministro do Interior recebe chefe da Organização de Obras de Fronteira do Paquistão



Durante a reunião, foram discutidos vários temas de interesse mútuo.

O vice-ministro do Interior saudita, Príncipe Abdulaziz bin Mohammed bin Ayyaf, recebeu ontem quinta-feira em seu escritório em Riade, o major-general Abdul Sami, director-geral da Organização de Obras de Fronteira do Paquistão.

Durante a reunião, foram discutidos vários temas de interesse mútuo. O Reino da Arábia Saudita e o Paquistão assinaram recentemente um acordo conjunto de defesa estratégica em Riade. O acordo surge no âmbito dos esforços dos dois países para reforçar a sua segurança e alcançar a segurança e a paz na região e no mundo. O objectivo é desenvolver aspectos da cooperação de defesa entre os dois países e aumentar a dissuasão conjunta contra qualquer agressão. Este acordo estipula que qualquer agressão contra qualquer um dos países é uma agressão contra ambos. **Fonte-Arab News**.

Qatar se reúne com chefe do TPI enquanto pondera ação legal contra Israel



O Emir do Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al Thani, presidindo a cúpula de emergência árabe-islâmica de 2025 em Doha.

O Qatar se reuniu com o presidente do Tribunal Penal Internacional (TPI) enquanto busca uma ação legal contra Israel por seu ataque sem precedentes em seu território na semana passada, disse ontem quinta-feira uma autoridade. O negociador-chefe do

Emirado, Mohammed Al-Khulaifi, reuniu-se em Haia na passada quarta-feira com a presidente do TPI, juíza Tomoko Akane, enquanto busca "todas as vias legais e diplomáticas disponíveis para garantir a responsabilização dos responsáveis pelo ataque de Israel ao Qatar", disse a autoridade do Qatar à AFP. O ataque israelense mortal da semana passada teve como alvo líderes do grupo militante palestino Hamas, baseados no Qatar, e enviou ondas de choque pelos estados do Golfo que há muito dependem dos Estados Unidos para sua segurança.

O Hamas disse que altos funcionários de seu escritório político, sediado no Qatar com a bênção dos EUA desde 2012, sobreviveram ao ataque, mas disse que cinco membros foram mortos, junto com um oficial da força de segurança interna do Qatar. Falando sob condição de anonimato devido à sensibilidade das discussões, o funcionário chamou o ataque de Israel de "ilegal", acrescentando que "constitui graves violações do direito internacional humanitário".

O Qatar, como Estado observador no TPI, não pode encaminhar casos ao tribunal. Mas após negociações de emergência em Doha, os blocos árabe e islâmico pediram a seus membros na segunda-feira que tomem "todas as medidas legais e eficazes possíveis para impedir que Israel continue suas ações". **Fonte-AFP**.

Presidentes turco e palestino discutem reconhecimento internacional do Estado palestino na ONU



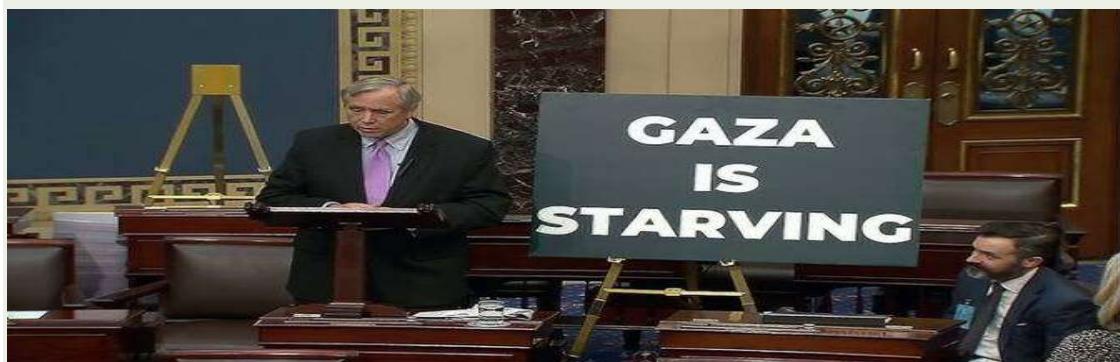
O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, reuniu-se ontem quinta-feira em Ancara com seu homólogo palestino, Mahmoud Abbas.

O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, discutiu ontem quinta-feira com seu homólogo palestino, Mahmoud Abbas, os preparativos para a Assembleia Geral da ONU em Nova York na próxima semana, durante a qual vários países se comprometeram a reconhecer oficialmente o Estado da Palestina. A reunião, no palácio presidencial em Ancara, concentrou-se nos esforços para acabar com a guerra em curso de Israel em Gaza, que começou há quase dois anos, os últimos desenvolvimentos na Cisjordânia ocupada e em Jerusalém Oriental e a busca de uma solução de dois Estados para resolver o conflito mais amplo entre israelenses e palestinos. Sob o patrocínio conjunto do Reino da Arábia Saudita e da França, vários países importantes e potências internacionais declararam sua intenção de reconhecer oficialmente o Estado palestino durante a Assembleia Geral da ONU, incluindo França, Reino Unido, Canadá, Austrália e Bélgica.

Abbas disse que a segurança e a estabilidade regionais dependem do fim da guerra em Gaza, da interrupção do deslocamento forçado de palestinos e da apropriação de terras por Israel e do fim da ocupação israelense dos territórios palestinos por meio do estabelecimento de um Estado palestino baseado nas fronteiras pré-1967 com Jerusalém Oriental como sua capital.

Abbas e Erdogan também discutiram os fortes laços históricos da Palestina com a Turquia, que governou a região do Mediterrâneo por quase quatro séculos através de seu Império Otomano até os mandatos britânico e francês para a região durante a Primeira Guerra Mundial. Abbas chegou à Turquia na passada quarta-feira para uma visita oficial de três dias. **Fonte- Agência de notícias palestina Wafa.**

Democratas do Senado pressionam Casa Branca a reconhecer Estado palestino



O senador do Oregon, Jeff Merkley, fala no plenário do Senado dos EUA, em 30 de julho de 2025

Uma resolução foi apresentada por um grupo de senadores democratas nos Estados Unidos em uma tentativa de fazer com que a Casa Branca reconheça um Estado palestino desmilitarizado. A legislação não vinculativa proposta pelo senador Jeff Merkley, do Oregon, vem antes da Assembleia Geral da ONU em Nova York em 23 de setembro, onde vários estados indicaram que reconhecerão a Palestina. Uma legislação semelhante foi proposta pelo democrata da Califórnia Ro Khanna na Câmara dos Representantes. No início desta semana, uma comissão da ONU disse acreditar que há motivos razoáveis para suspeitar que Israel é responsável pelo genocídio em Gaza. A resolução pede ao Hamas que deponha as armas e liberte todos os reféns restantes, ao mesmo tempo em que exige que Israel interrompa sua guerra em Gaza e a expansão dos assentamentos na Cisjordânia. Outros signatários incluem Chris Van Hollen, de Maryland, Tina Smith, de Minnesota, e Peter Welch e Bernie Sanders, de Vermont.

Merkley disse ao New York Times: "Precisamos ter um cessar-fogo imediato, os reféns devolvidos e uma inundação de ajuda. Mas também precisamos de uma visão para onde vamos, para que, daqui a 30 anos, haja um Médio Oriente pacífico e próspero, onde não sejamos pegos nas garras desse conflito." Ele acrescentou: "Eu cresci com a estrutura do melhor caminho para a paz é sempre ficar com Israel, porque eles sentirão a confiança para chegar a um acordo, mas Israel não está mais interessado. Eles estão interessados em tomar a Cisjordânia. Eles estão interessados em tomar Gaza."

Van Hollen disse que a recente actividade israelense em Gaza foi uma "campanha de limpeza étnica", acrescentando: "O melhor caminho viável a seguir que proporcione

segurança, dignidade e autodeterminação para israelenses e palestinos é uma solução de dois Estados". É improvável que a proposta seja aprovada no Senado liderado pelos republicanos, sem senadores do partido governista apoando-a neste momento. **Fonte-Reuters.**

Iraque não consegue aprovação dos EUA para importar gás turcomano via Irão



Fumaça é liberada de uma das chaminés da Usina Termelétrica Dora (Daura), no distrito de Dora, no sul de Bagdá, em 12 de agosto de 2025.

A tentativa do Iraque de aliviar sua escassez crônica de energia com gás do Turcomenistão encaminhado através do vizinho Irão fracassou sob pressão dos Estados Unidos, deixando Bagdá lutando por alternativas para manter as luzes acesas.

O Iraque, rico em petróleo, tem lutado para fornecer energia a seus cidadãos desde a invasão liderada pelos EUA em 2003 que derrubou Saddam Hussein, forçando muitos a depender de geradores privados caros, causando dificuldades econômicas e provocando agitação social. Hussain Saad, de 43 anos, dono de um açougue no bairro de Kasra, em Bagdá, está lutando para proteger seu sustento e evitar que sua carne estrague no calor escaldante. "Este não é apenas o meu sofrimento - é o sofrimento de todo o povo iraquiano", disse ele. Um acordo proposto pela primeira vez em 2023 teria visto o Turcomenistão exportar gás para o Iraque através do Irão, que fica entre os dois países. Sob o acordo de troca, o Irão receberia o gás e o forneceria ao Iraque, mas isso corria o risco de violar as sanções dos EUA a Teerão - exigindo a aprovação de Washington. Essa aprovação nunca veio. O governo do presidente dos EUA, Trump, dobrou a aposta em uma campanha de "pressão máxima" contra Teerão. **Fonte-Reuters.**

Sultanato de Omã atrai investidores indianos para a zona econômica de Khazaen

A zona econômica franca de Khazaen, no Sultanato de Omã, está promovendo oportunidades de investimento em seus sectores industrial e logístico na Índia esta semana, enquanto os dois países finalizam seu acordo de parceria econômica abrangente. A Cidade Econômica de Khazaen, a maior zona de desenvolvimento econômico conectada directamente à capital do Sultanato de Omã, Mascate, foi criada em 2023 como parte da estratégia do Sultanato para reduzir a dependência de petróleo

e gás. É um hub integrado que inclui um porto seco, áreas residenciais e componentes comerciais.

O gerente de assuntos comerciais da Cidade Econômica de Khazaen, Mohamed Al-Siyabi, disse que o objectivo era destacar os incentivos que a cidade econômica poderia oferecer à comunidade empresarial indiana e as maneiras pelas quais isso poderia ajudá-los a ter suces"Para isso, estamos explorando como podemos dar as mãos para atrair diferentes (indústrias) e como elas podem se juntar à Cidade Econômica de Khazaen e começar a fazer negócios nas áreas designadas", disse ele na passada quarta-feira durante um evento promocional na Embaixada do Sultanato de Omã em Nova Delhi. O evento comercial, que promoveu actividades industriais e logísticas com foco em produtos farmacêuticos e processamento de alimentos, ocorreu em meio a negociações avançadas sobre um pacto bilateral de livre comércio. O ministro indiano do Comércio e Indústria, Piyush Goyal, anunciou em julho que o acordo estava "quase finalizado". As negociações sobre o acordo, que deve ser um acordo de parceria econômica abrangente, começaram formalmente em novembro de 2023, com a primeira ronda em Nova Delhi e a segunda em Mascate. **Fonte-Arab News.**

[Israel fecha passagem da Cisjordânia com a Jordânia após ataque mortal](#)



Policiais e soldados israelenses montam guarda perto do local de um ataque a tiros, onde autoridades israelenses dizem que duas pessoas foram baleadas e mortas em um ataque militante na passagem da ponte Allenby, entre a Cisjordânia e a Jordânia, quinta-feira, 18 de setembro de 2025.

Israel fechou hoje sexta-feira a única porta de entrada entre a Cisjordânia ocupada por Israel e a Jordânia, um dia depois que um motorista que trazia ajuda humanitária da Jordânia para Gaza abriu fogo e matou dois militares israelenses no local.

A Autoridade de Aeroportos de Israel, que opera a travessia da ponte Allenby, anunciou que ela seria fechada até novo aviso. As duas travessias entre Israel e a Jordânia também foram afectadas, com a travessia do rio Jordão no norte fechada e a travessia de Rabin no sul permanecendo aberta apenas para trabalhadores. Nenhum grupo reivindicou imediatamente a responsabilidade pelo ataque à ponte Allenby, que é uma rota importante para o comércio entre a Jordânia e Israel e a única porta de entrada para mais de 3 milhões de palestinos na Cisjordânia chegarem à Jordânia e ao resto do mundo. **Fonte-Reuters.**

Gaza e futuro palestino dominarão reunião da ONU

Mais de 140 líderes mundiais descerão a Nova York na próxima semana para a cúpula anual da Assembleia Geral das Nações Unidas, que será dominada este ano pelo futuro dos palestinos e de Gaza. Um líder mundial que não participará na reunião é Mahmud Abbas, o presidente palestino a quem Washington negou vistos para participar, junto com seus funcionários.

Dois anos após o início da ofensiva israelense na Faixa de Gaza, desencadeada pelo ataque sem precedentes do Hamas em 7 de outubro de 2023, a catástrofe humanitária que assola o pequeno território palestino dominará os debates no evento de alto nível. A partir de segunda-feira, o Reino da Arábia Saudita e a França co-presidirão reuniões sobre o futuro da solução de dois Estados israelenses e palestinos, que visa ver os dois lados coexistindo um ao lado do outro em paz. Após a adopção esmagadora na semana passada pela Assembleia Geral de um texto apoiando um futuro Estado palestino - embora sem o Hamas - esta reunião deve ver o reconhecimento formal de um Estado palestino por vários países, principalmente a França. O analista do International Crisis Group, Richard Gowan, chamou isso de um gesto "simbólico" que poderia ter um significado real "se os países que reconhecem a Palestina seguirem com novas medidas para tentar pressionar Israel a encerrar sua campanha em Gaza".

Gowan alertou para as represálias israelenses e o risco de "escalada" do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, que discursará na Assembleia Geral e disse firmemente que não haverá Estado palestino sob seu comando. Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, se opuseram ao reconhecimento e prometeram negar vistos à delegação palestina, incluindo Abbas.

A Assembleia votará hoje sexta-feira para autorizar o presidente palestino a falar por meio de um link de vídeo. Todos os olhos estarão voltados para o presidente dos EUA, Donald Trump, quando Abbas discursar no encontro, que paralisa grande parte de Manhattan todos os anos, enquanto carreiras e escoltas de segurança fortemente armadas varrem a Primeira Avenida. Desde seu retorno à Casa Branca, Trump iniciou cortes maciços na ajuda externa dos EUA, martelando as agências da ONU à medida que as necessidades humanitárias aumentam. Envolvida por uma profunda crise financeira e guerras violentas, a ONU comemorou discretamente seu 80º aniversário enquanto se defendia das críticas à sua eficácia.

'Ameaça existencial'

"O sistema multilateral ... está sob uma ameaça existencial", disse Federico Borello, director executivo interino da Human Rights Watch. "As normas estão sendo enfraquecidas quando Estados poderosos, que incluem membros permanentes do Conselho de Segurança, cometem ou são cúmplices de graves violações do direito internacional humanitário, como está acontecendo em Gaza, na Ucrânia e em outros lugares."

"As pessoas estão exigindo respostas e acções, acções que correspondam à gravidade dos desafios que nosso mundo enfrenta, acções que atendam às expectativas de todos aqueles que estão de fora", disse o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, ao pedir acções sobre Gaza, Ucrânia, Sudão e mudanças climáticas.

O presidente da Síria, Ahmed Al-Sharaa, será uma nova adição proeminente ao grupo de quase 140 líderes mundiais, que também inclui o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, o brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente iraniano Masoud Pezeshkian. Todos os olhos estarão voltados para Sharaa quase um ano depois que suas forças derrubaram Bashar Assad, enquanto ele agora enfrenta os desafios da reconstrução após anos de guerra civil. O programa nuclear do Irão também estará no topo da agenda, já que as sanções contra Teerão suspensas há dez anos podem ser restabelecidas no final de setembro, após um processo desencadeado no final de agosto por Paris, Londres e Berlim.

Guterres e o presidente Lula também organizarão uma cúpula climática na quarta-feira, onde alguns estados podem anunciar novas metas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, apenas algumas semanas antes da COP30 no Brasil. **Fonte-Reuters.**

Um roteiro credível para a paz no Sudão



DR. MAJID RAFIZADEH

18 de Setembro de 2025



A guerra no Sudão desencadeou uma das piores catástrofes humanitárias do mundo hoje.

Um quarteto de estados influentes – EUA, Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Egito – propôs na semana passada um roteiro para a paz que visa acabar com a guerra no Sudão, que está em andamento desde abril de 2023. Com o conflito em seu terceiro ano, não há sinal de uma vitória militar decisiva para nenhum dos lados. A estrutura proposta é significativa devido ao facto de consistir em várias etapas principais: uma trégua humanitária inicial de três meses para permitir a entrega de ajuda e socorro aos civis, um cessar-fogo permanente subsequente e, finalmente, um processo de transição de nove meses projectado para estabelecer um governo liderado por civis.

Os ministros das Relações Exteriores dos quatro Estados ressaltaram que não há solução militar para o conflito e alertaram que a continuação da guerra produz "sofrimento e riscos inaceitáveis para a paz e a segurança". O plano também rejeitou a participação política da Irmandade Muçulmana ou de quaisquer grupos filiados e insistiu na

preservação da unidade territorial do Sudão, rejeitando explicitamente as administrações paralelas que a milícia das Forças de Apoio Rápido tentou estabelecer em Darfur e outras regiões.

A importância deste roteiro reside no facto de que a guerra atingiu um estado de impasse prolongado. Desde 2023, as Forças Armadas sudanesas e as Forças de Apoio Rápido estão envolvidas em conflitos violentos. Ambas as facções retêm apoiadores e recursos externos, dando-lhes a capacidade de prolongar a guerra, mas não de vencê-la. A milícia se entrincheirou em Darfur e criou estruturas administrativas lá, enquanto o exército continua a controlar Cartum e grande parte do norte. As estratégias militares de ambos os lados apenas aprofundaram o conflito, criando ciclos de escalada sem resolução. Nesse contexto, a suposição subjacente ao roteiro - de que uma solução puramente militar é impossível - se alinha com as realidades no terreno.

Outra razão pela qual o roteiro merece atenção é o envolvimento das potências regionais Egípto, Reino da Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Os EUA, por sua vez, mantêm a capacidade de moldar os resultados por meio de pressão diplomática, alavancagem financeira e ameaça ou remoção de sanções. Juntos, essa combinação de influência dá aos quatro estados uma vantagem única sobre ambos os lados do conflito. Sem essa mediação externa, a guerra do Sudão corre o risco de se tornar cada vez mais entrincheirada, já que as facções em conflito têm pouco incentivo para se comprometer por conta própria.

A urgência de implementar o roteiro torna-se ainda mais clara quando consideramos as consequências humanitárias. A guerra desencadeou uma das piores catástrofes humanitárias do mundo hoje. Dezenas de milhares de pessoas foram mortas e milhões deslocadas. A fome agora ameaça regiões inteiras, à medida que as redes de distribuição de alimentos entram em colapso sob a guerra de cerco e a destruição da infraestrutura. Os civis enfrentam extrema privação de cuidados de saúde, água e abrigo, com campos para os deslocados superlotados e com falta de suprimentos.

Além disso, grupos de ajuda internacional lutam para alcançar populações em necessidade desesperada, particularmente em zonas de conflito como Darfur e Al-Fashir. A guerra destruiu aeroportos, usinas de energia, hospitais e corredores de abastecimento vitais, deixando para trás uma devastação que levará décadas para ser reparada.

Quando você analisa de uma perspectiva política, a guerra já fraturou a governança do Sudão. O conflito está minando o princípio da unidade que o roteiro enfatiza. Sem um acordo negociado, o Sudão corre o risco de cair em uma divisão de facto, um desenvolvimento que tornaria qualquer reintegração futura muito mais difícil.

A exclusão de facções islâmicas, conforme estipulado pelo roteiro, reflecte ansiedades regionais sobre a influência extremista, mas levanta questões de inclusão e legitimidade dentro do próprio Sudão. Se grandes segmentos da população do Sudão se sentirem excluídos, qualquer governo emergente liderado por civis pode enfrentar sérios desafios à sua autoridade.

Também não devemos esquecer que as consequências do conflito se estendem além das fronteiras do Sudão, tornando sua resolução uma questão regional e global urgente. O

Sudão encontra-se numa encruzilhada vital no nordeste de África e a instabilidade já se espalhou para os Estados vizinhos através de fluxos de refugiados, tráfico de armas e desestabilização das rotas comerciais. O corredor do Mar Vermelho, que é crucial para o transporte marítimo internacional e os mercados globais, está directamente no caminho de uma possível escalada.

Além disso, a guerra viu o uso crescente de drones e armamento avançado, o que aumenta os riscos de conflito descontrolado e envolvimento por procuração. Se isso não for controlado, o Sudão pode se tornar não apenas um estado falido, mas também um centro de instabilidade regional, com ramificações globais.

No entanto, apesar da promessa do roteiro, alguns obstáculos permanecem. Em primeiro lugar, a confiança entre os dois lados é quase inexistente, pois as repetidas violações do cessar-fogo corroeram a confiança. Persistem dúvidas sobre a aplicação e o monitoramento, principalmente sobre quem garantiria o cumprimento e quais consequências se seguiriam às violações.

Finalmente, o acesso humanitário depende não apenas de acordos políticos, mas também da segurança física dos trabalhadores humanitários e da restauração da infraestrutura – desafios que permanecem sem solução.

No entanto, os riscos de ignorar este roteiro superam em muito as dificuldades de implementá-lo. Isso ocorre porque a guerra contínua significa mais perdas de vidas, destruição de infraestrutura, aprofundamento da fome e erosão da capacidade do Estado. Quanto mais tempo o conflito persiste, mais difícil se torna negociar a paz, à medida que as economias de guerra locais se solidificam e ambos os lados se tornam ainda mais entrincheirados em suas posições. A segurança regional continuará a deteriorar-se e as perspectivas de um Sudão unificado e estável tornar-se-ão cada vez mais remotas.

Em poucas palavras, o roteiro apresentado pelos EUA, Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Egito deve ser visto como a oportunidade mais confiável para interromper a guerra no Sudão. Embora os desafios e obstáculos permaneçam, o roteiro é uma iniciativa crítica que deve ser implementada.

O Dr. Majid Rafizadeh é um cientista político iraniano-americano formado em Harvard. X: [@Dr_Rafizadeh](https://twitter.com/Dr_Rafizadeh)

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

